



PORTUGAL DEMOCRATICO

ANO XVII — N.º 179 — SÃO PAULO — JULHO/AGOSTO DE 1973 — RED. R. LIBERO BADARÓ, 488 - 5º ANDAR - S/ 50 — CAIXA POSTAL 6248 - PREÇO Cr\$ 1,00

A CHACINA DE WILLIAMO

LONDRES (Do Correspondente) — No dia 10 de julho, quando o "Times" publicou um artigo denunciando atos de genocídio praticados pelo exército colonialista português em Moçambique poucas pessoas pensaram que essas revelações comoveriam tão profundamente a opinião pública britânica. Foi, contudo, o que

ocorreu. Surpreendentemente, o povo inglês reagiu com indignação e, dia após dia, a imprensa foi revelando fatos que colocaram no primeiro plano da atualidade as guerras coloniais portuguesas. Os ingleses descobriram com horror que My Lai e as atrocidades americanas no Vietnã eram crimes quase insignificantes ao lado da

política de genocídio sistemático aplicada pelo fascismo caetanista em África.

Tudo começou com o artigo do padre Adrian Hastings, no "Time" citando depoimentos de missionários espanhóis, aquele sacerdote católico descreveu a chacina cometida por tropas portuguesas que em 16 de dezembro do ano passado exterminaram 400 moradores da aldeia de Wiriyamu, na Província de Tete. Segundo o articulista, as forças portuguesas bombardearam previamente a aldeia e, em seguida, comandos especiais transportados de helicóptero incendiaram o lugarejo. A chacina durou um dia inteiro e os corpos carbonizados das vítimas foram jogados no rio Nyantawatama. De acordo com o relato do padre Hastings, os oficiais que comandaram a "operação" separaram os homens das mulheres e ordenaram que os prisioneiros se sentassem. Cada um deles, depois, era intimado a erguer-se e fuzilado. "Ordenaram a uma mulher chamada Vaina — escreveu Hastings — que se levantasse. Ela segurava no colo um filhinho de nove meses. Pediu de joelhos que lhe poupassem a vida. Mas foi atingida pelos tiros e caiu morta. O menino começou a chorar. Então, um soldado pisou a cabeça da criança, esmagando-lhe o crânio. Seus companheiros aplaudiram. Foi o início de um macabro jogo de futebol. Os demais seguiram o exemplo do primeiro soldado e passaram a dar pontapés na cabeça da criança.

O sacerdote acentuou que uma testemunha da chacina ouviu os soldados dizerem que tinham ordens de matar todos os moradores, pois se houvesse sobreviventes poderiam denunciá-los. Mas missionários espanhóis souberam do ocorrido e sepultaram, mais tarde muitas das vítimas.

NOVAS DENUNCIAS

No dia seguinte, em Dar — Ec — Salaam, o comandante militar da FRELIMO parou frente de Tete, em entrevista concedida à agência France Presse, confirmou a chacina, esclarecendo, no entanto que o nome da aldeia fora deturpado pelo "Times". A grafia correta do nome do lugarejo é Williamo e não Wiriyamu. O mesmo militante da FRELIMO esclareceu que massacres semelhantes haviam sido praticados noutras aldeias anteriormente. De um só vez, 30 camponeses haviam sido queimados vivos numa palhota. Revelou também que os soldados portugueses cortaram os braços de um simpatizante da FRELIMO colocando-os nos bolsos de suas calças.

Em Madrid, missionários espanhóis confirmavam entretanto, pelo seu lado as denúncias do padre Hastings. Acrescentaram, a propósito, que as forças da Rodesia penetram com frequência em Moçambique e, de acordo com o comando português, cometem as atrocidades mais repugnantes. Segundo comunicado distribuído em Burgos por outros missionários, na aldeia de Singa numerosos moradores foram queimados vivos. O missionário Enrique Ferrando precisou que essas informações se baseavam em depoimentos de seus colegas Alfonso Valverde e Martin Hernandez, presos

sem culpa formada em Moçambique.

Os desmentidos do governo de Caetano, contraditórios e inconvincentes, apenas contribuíram para ampliar as proporções do caso. Segundo o "Observer" os mesmos soldados que destruíram a aldeia de Williamo, eliminaram também do mapa a aldeia de Chawola, a poucos quilômetros de distância. 53 homens, mulheres e crianças foram assassinados friamente pelas tropas portuguesas. Depois, os soldados juntaram os cadáveres, cobriram-nos com palha e atearam fogo à pilha macabra.

O padre Hastings reagiu aos desmentidos portugueses com ironia. "É ridículo — escreveu no "Times" a 11 de julho — dizer que a aldeia e o rio não figuram no mapa. Eu tenho mapas da Uganda, por exemplo, onde não figuram muitas aldeias maiores do que esta. O massacre se verificou na Província de Tete a cerca de 20 milhas da cidade do mesmo nome. Tem havido mais chacinas noutras províncias, mas nós não dispomos de provas pormenorizadas sobre elas. Posso garantir que nós sabemos — sublinhou — em que área da missão aquilo ocorreu. As autoridades de Lisboa podem não saber onde houve o massacre mas os que vivem no local sabem.

Hastings, que leciona em Birmingham, passou 12 anos em África e é autor do livro "Igreja e Missão na África Moderna".

CONDENAÇÃO UNIVERSAL

Dias depois as denúncias ampliavam-se ainda mais e toda a grande imprensa internacional

passou a condenar as chacinas portuguesas em África.

Em carta publicada no jornal espanhol "Ya", o padre Vicente Berenguer, de Alicante, declarou que conhecia bem todos os fatos relacionados com o massacre, fornecendo detalhes sobre a localização exata de Williamo, no triângulo formado pelos rios Zambeze e Luenha com a estrada Tete-Changarra. "Fui paroco de Changarra, nos últimos anos e Williamo está próximo da missão revelou. O padre esclareceu que no dia seguinte à matança, uma delegação composta de membros do Hospital Regional de Tete e de uma religiosa espanhola sobrevoou a região de helicóptero e viu muitos cadáveres que se achavam ainda entre os escombros. Posteriormente, D. Augusto Cesar, bispo de Tete — disse — ao ter conhecimento dos fatos protestou, no dia 16 de dezembro junto às autoridades superiores da colônia. O protesto foi ignorado.

Das Nações Unidas, o secretário geral da Organização, Kurt Waldheim, manifestou sua "profunda preocupação" à delegação portuguesa diante das versões sobre a chacina em Moçambique" e encarregou o representante da China, Tang Min-Chao, presidente da Comissão de descolonização, de elaborar um relatório a respeito da matança.

As reações mais veementes vieram, contudo, de Roma. O órgão do Vaticano, "L'Osservatore Romano", condenou com indignação a chacina.

Continua na página 2

O DESMASCARAMENTO

A poucos meses das "eleições" de outubro, o governo fascista de Marcelo Caetano, fiel ao velho ensinamento de Clausewitz de que a melhor defesa é o ataque, assumiu várias iniciativas diplomáticas com o objetivo de retomar a ofensiva para enfrentar em condições mais favoráveis o desafio do Movimento Democrático português.

Dentro dessa estratégia ambiciosa, as comemorações do 6.º centenário da "aliança" luso britânica deviam desempenhar importante papel. Com a visita a Portugal do duque de Edimburgo e a sua visita a Inglaterra, Caetano visava dois fins principais: mistificar a opinião pública dos dois países e estreitar os laços com o imperialismo britânico, conseguindo maior apoio do Reino Unido ao regime que representa e uma ajuda mais importante dos monopólios britânicos à sua política, colonialista. Ante as crescentes dificuldades econômicas e políticas do sistema e o seu alarmante isolamento interno e internacional, a exaltação pública da "aliança", em Londres, devia funcionar como arma contra a luta simultânea e conjugada do povo português e dos povos de Angola, de Moçambique e da Guiné-Bissau, solidários no combate ao fascismo e ao colonialismo.

O plano ruiu fragorosamente. A tournée de Caetano produziu resultados opostos aos visados. Ficará a assinalar o maior malogro diplomático sofrido pelo regime ao longo dos seus 47 anos de história. Dias antes de Caetano por o pé na Inglaterra, a denúncia da chacina de Williamo chamou a atenção de toda a humanidade para a política de opressão e genocídio praticada em África pelo Estado fascista e colonialista português. Ocorreu, assim, o inevitável. Tartufo foi muito bem recebido pelo sr. Edward Heath, representante qualificado do imperialismo britânico. Mas a nação inglesa repudiou a sua visita. Ficou bem claro que existe uma aliança entre o fascismo colonialista português e o imperialismo britânico, mas ficou igualmente claro que os dois povos a condenam, pois ela se dirige contra os interesses de ambos, tripudando sobre os direitos de 14 milhões de africanos.

Vaiado nas ruas, denunciado como assassino na Câmara dos Comuns, apontado pela imprensa como responsável de incontáveis crimes contra a humanidade, colocado no banco dos réus pela opinião pública mundial, Caetano-Tartufo — sempre protegido por um impressionante dispositivo de segurança — surgiu perante a Inglaterra e o Mundo como símbolo de um regime de ignomínia. O desmascaramento foi total. O Vaticano, dezenas de governos, milhares de sindicatos e organizações, a imprensa falada e escrita de todo o planeta condenaram o fascismo e o colonialismo português. Até o Partido Trabalhista inglês, que no passado sempre fechou os olhos à evidência, se viu forçado a denunciar a "aliança" espúria, exigindo que Caetano fosse declarado persona non grata.

Da própria Inglaterra, Caetano, sob a pressão dos clamores da opinião mundial, tentou deitar água na fervura. Esforçou-se por afivelar outra vez a desconjuntada máscara de "liberalizante". E tomou uma decisão dolorosa. Sacrificou um amigo querido, o comandante militar de Moçambique, o general nazi Kaulza de Arriaga cujas mãos se acham avermelhadas pelo sangue de dezenas de milhares de africanos.

O "rei" ficou nú. Em poucos dias formou-se uma aliança tácita entre os trabalhadores e as forças progressistas de Portugal e da Inglaterra e das colônias portuguesas e uma frente comum contra a famigerada "aliança" de seis séculos que tem desempenhado um importante papel na colonização de Portugal pelo imperialismo britânico.

Urge agora extrair da derrota infligida ao fascismo e ao colonialismo português as lições nela implícitas. O povo de Portugal sabe que não poderá ser livre enquanto o país mantiver outros povos subjogados e continuar sendo um instrumento de vários imperialismos. Nunca como agora a solidariedade da opinião pública mundial ao povo português e às nações oprimidas pelo colonialismo caetanista foi tão firme e calorosa. Ela nos deve servir de estímulo para ampliar a campanha contra o imperialismo e o colonialismo. Lutar contra a guerra colonial, exigir a saída de Portugal da NATO, reivindicar o direito imediato à independência dos povos da Guiné, de Angola e de Moçambique é lutar também pela verdadeira independência de Portugal.

PORTUGAL DEMOCRATICO

ALAUANE

Mozambique: l'horreur de la dernière guerre coloniale

Le Front de libération du Mozambique (plus connu sous le sigle de FRELIMO) dont le siège est à Dar Es-Salaam, capitale de la Tanzanie, se bat depuis bientôt dix ans pour l'indépendance nationale. Nombre de ses combattants — sans oublier Eduardo Mondlane, son premier leader — sont tombés sous les balles des agents de Lisbonne. Le corps expéditionnaire portugais, commandé par le général Kaulza de Arriaga, de sinistre renom, et fort de plus de 40 000 hommes, absorbe près de 20 % du budget lusitanien. Il ne parvient pas pour autant à endiguer l'action des nationalistes. Au contraire, les combats se font chaque jour plus rudes, en particulier dans le district septentrional de Tete où se construit le barrage de Cahora-Bassa. C'est précisément dans cette région que se situe le village de Wiriyamu où les troupes portugaises se sont rendues coupables de l'un des plus horribles massacres des guerres coloniales. Sera-ce assez pour convaincre les pays de l'Alliance atlantique de leur responsabilité dans de semblables événements puisqu'ils n'ont cessé de prodiguer leur aide financière et leurs livraisons d'armes au Portugal? La divulgation du forfait aura en tout cas entraîné une prise de conscience de la presse et de l'opinion britanniques. Intervenant à la veille de l'arrivée à Londres du Premier ministre de Lisbonne, M. Caetano, elle aura jeté une ombre de réprobation sur ce qui devait être la célébration tranquille du six centième anniversaire de l'amitié anglo-lusitanienne. Il aura suffi, même si ce n'est pas le premier du genre (1), du témoignage d'un religieux, le RP Adrian Hastings, pour que les faits soient connus. Ils sont accablants. Qu'on en juge.

(1) Cf. par exemple dans JA n° 609 (9 septembre 1972) un article de Bruno Crimi intitulé « Mozambique : tous des terroristes » avec ce « chapitre » : « Ce sont des péres blancs, envoyés au Mozambique, qui accusent le très catholique Portugal : les troupes de Caetano sont en train de transformer graduellement un pays de 8 millions d'habitants en un immense camp de concentration. » Y étaient rapportés des massacres perpétrés en septembre, octobre et novembre 1971. En juin 1972, le P. Da Costa publiait une liste de cent dix victimes de la région de Tete (ibid.).

Cette photo qui fut présentée dans la presse britannique et que nous avons utilisée pour notre couverture est un document authentique. Pour que des missionnaires, sur mandat des soldats portugais, fussent d'avis « ambulets » de rébellion et soient pour le pauvre, l'homme africain une telle le premier journal à le publier dans son numéro 609 du 9 septembre 1972.

Nas últimas semanas, milhares de jornais, em todo o mundo publicaram documentos fotográficos comprobatórios das atrocidades cometidas pelo colonialismo português em África. Esses crimes não são de hoje, como muito oportunamente recordam JEUNE AFRIQUE. O fac-símile da reportagem que aquela revista publicou mostra uma das fotos agora divulgadas: soldados portugueses exibem a cabeça de um africano espetada num pau. É a paz de Caetano e sua camarilha colonial-fascista.

OS MASSACRES DE MOÇAMBIQUE

Cont. da pág. 1

"Nós também nos unimos e creveu em editorial — à firme denuncia de qualquer violência, ao mesmo tempo que aguardamos que se instaure nos territórios ultramarinos uma tranquilidade baseada no respeito aos direitos fundamentais dos indivíduos e dos povos".

Em comentário dedicado ao assunto, a Radio Vaticano declarou: "Os fatos recentes e os anteriores tornam ainda mais sórdido o terrível quadro das guerras. Esperamos que se estabeleça a desejada paz fundada no respeito aos direitos do homem".

O padre Paulo VI vem acompanhando, diária e pessoalmente, o caso, desde que o padre Hastings publicou o artigo que revelou ao mundo a chacina de William. Mons. Federico Alessandrini, porta voz da Santa Sé distribuiu a respeito um comunicado esclarecendo que o Vaticano solicitara a Lisboa informações pormenorizadas sobre a matança depois de ter recebido denúncias do episcopado moçambicano, alusivas a torturas e massacres em vários pontos de Moçambique.

Em Londres o "Times" propôs uma investigação internacional, sugerindo que fosse realizada por uma comissão designada pelo Vaticano.

Na Índia, o governo de Indira Gandhi distribuiu nota oficial qualificando o massacre de William de "bárbaro e chocante", manifestando a esperança de que "a brutalidade e a desumanidade não consigam manter Moçambique sob o domínio colonial português".

Na Suécia, o Parlamento decidiu duplicar a ajuda financeira concedida à FRELIMO e o chanceler Krister Ckam declarou em Estocolmo que a ONU deveria reunir-se em sessão especial imediatamente, "para examinar o caso das matanças em África".

Na Holanda, o primeiro ministro, Piet de Jong, exortou os países da NATO a impor rigoroso embargo aos fornecimentos de armas a Portugal, de acordo com Resoluções aprovadas nesse sentido pelo Conselho de Segurança e pela Assembleia Geral das Nações Unidas. Simultaneamente, o chanceler Max van Setoel revelou que a Holanda, seguindo o exemplo da Suécia, pretende apoiar os movimentos de libertação africanos que lutam contra o colonialismo português.

Na Itália toda a imprensa dedicou atenção excepcional ao noticiário sobre a chacina. O "Corriere della Sera", de Milão, publicou fotografias mostrando corpos de africanos queimados vivos pelas tropas portuguesas. Outra humilhação para Caetano: o Partido Socialista Italiano solicitou ao primeiro ministro Mariano Rumor e ao ministro das Relações Exteriores, Aldo Moro, que a Itália "de os passos necessários para denunciar os crimes praticados pelo governo português em Moçambique". No pedido exorta-se o governo a reconhecer "os movimentos de libertação de Angola, de Moçambique e da Guiné-Bissau".

Na Alemanha, a influente revista liberal "Der Spiegel" publicou uma grande reportagem ilustrada denunciando atos de genocídio praticados pelo colonialismo português.

No dia 21 de julho, o padre Adrian Hastings depôs perante a Comissão de Descolonização das Nações Unidas — a convite do governo sueco — afirmando pormenorizadamente todas as suas denúncias.

Todas as nações africanas reagiram com indignação e repulsa às notícias sobre a chacina e vários governos divulgaram notas oficiais a respeito condenando o colonialismo português. No Kenia, o partido da União Nacional Africana declarou, em apelo patético, que, a menos que Organização da Unidade Africana intervenha militarmente em Moçambique os africanos serão eliminados sistematicamente".

Em La Paz, na Bolívia, o jornal "Presidencia", órgão da arquidocese refutou os termos de um desmentido da embaixada portuguesa que qualificava de "hedionda-

mente falsas" as notícias divulgadas pela imprensa boliviana. "As notícias — escreveu — não são hediondamente falsas e deixam claro que há algo de podre na colônia de Moçambique".

Em Pequim, a agência "Nova China" responsabilizou o exército português e o general Kaulza de Arriaga pela chacina e reiterou o apoio da china "a luta dos africanos contra o imperialismo, o colonialismo e o racismo". A reação dos países socialistas da Europa Oriental não foi menos viva. Na União Soviética, particularmente, a imprensa, a rádio e a televisão realizaram coberturas espe-

ciais sobre os acontecimentos de Moçambique, condenando o colonialismo e reiterando o apoio do governo e do povo soviéticos à luta dos povos africanos colonizados e ao combate anti-fascista e anti-colonialista do povo português.

O MPLA e PAIGC manifestaram imediatamente a sua solidariedade fraternal à FRELIMO e ao povo de Moçambique. Em telegrama enviado à ONU Aristides Pereira, secretário geral do PAIGC, acusou o governo português de bombardear com napalm territórios libertados nas três colônias africanas.

Em Dar-Es-Salaam, no dia 14,

a FRELIMO divulgou comunicado, lembrando que o governo português comete desde 1960 atrocidades contra as populações africanas semelhantes às denunciadas pelo "Times". A FRELIMO acentuou que tem chamado repetidamente a atenção da Comissão dos Direitos Humanos da ONU para "as mantanças que são práticas habituais do sistema colonial português". No mesmo comunicado apresentou longa lista de aldeias moçambicanas que sofreram ataques, saques, violações de mulheres, deslocamentos forçados de moradores, atos de fé e bombardeios com produtos tóxicos.

UDP denuncia torturadores

A repercussão no Brasil do massacre foi muito grande. Imprensa, rádio e televisão dedicaram ao tema uma atenção excepcional. Durante uma semana, os acontecimentos de Moçambique foram apaixonadamente debatidos pela opinião pública e os desmentidos do governo e da embaixada de Portugal provocaram comentários irônicos de alguns jornais e emissoras.

A televisão realizou uma cobertura excelente, projetando filmes de incendios de aldeias e de outras violências cometidas pelas tropas de Kaulza de Arriaga e um documentário da BBC de Londres, mostrando as ruínas da própria aldeia de William. A Unidade Democrática Portuguesa distribuiu a respeito dos acontecimentos um comunicado à imprensa que foi comentado na Rádio e na Televisão e publicado na íntegra, no dia 13, pelo jornal "O Estado de S. Paulo". Reproduzimos abaixo esse importante documento:

Tomando conhecimento de notícias divulgadas pelas agências internacionais sobre o ato de genocídio praticado por forças militares portuguesas na aldeia de William — e não Wiryamu, como por lapso informou o "Times", de Londres — em Moçambique, a Unidade Democrática Portuguesa sente-se no dever de chamar a atenção da opinião pública brasileira para os seguintes fatos:

1 — Massacres como o de William têm sido frequentes nos últimos anos tanto em Moçambique como em Angola ou na Guiné-Bissau. Em 1960 as tropas portuguesas destruíram completamente as aldeias de Icolo e Bengo, abatendo a tiro centenas de moradores. No mesmo ano, a Mueda, em Moçambique, foi palco de uma chacina de proporções ainda mais vastas. Os moradores foram convidados a comparecer perante o Governador da Província de Cabo Delgado, que, previamente, emboscara tropas no mato. Ouvidas as queixas que tinham a apresentar, foram divididos em vários grupos e, minutos depois, as forças armadas intervieram iniciando uma matança cujo saldo foi de 600 mortos. Na Guiné-Bissau, o massacre mais lembrado é de Pidjiguiti, ocorrido em 1959, quando mais de 50 estivadores do porto de Bissau foram abatidos como animais após um movimento grevista. Existe a respeito de todos esses crimes uma rica documentação na Comissão dos Direitos do Homem das Nações Unidas.

2 — Oficiais do Exército e da Força Aérea de Portugal revelaram perante a Comissão de Descolonização das Nações Unidas que algumas missões que implicavam atos de genocídio eram, muitas vezes, determinadas pelo alto comando. Em seu livro "Guerra em Angola" (Ed. Braziliense, São Paulo), o alferes médico Mário de Pá-

dua descreve com pormenores massacres e cenas de tortura coletiva de prisioneiros — inclusive violação de mulheres por ele presenciadas.

3. — Entre os elementos das Forças Armadas portuguesas responsabilizados publicamente por crimes contra a Humanidade figuram nomes ao lado dos quais os carrascos da Gestapo ficam reduzidos às dimensões de aprendizes. O general CARRASCO, em Moçambique, eliminou do mapa aldeias inteiras, ordenando o fuzilamento sumário dos habitantes, acusados de cumplicidade com a FRELIMO. O alferes LINHARES orgulheva-se de degolar prisioneiros com um só golpe de facão. O capitão MENDONÇA, muito condecorado passeava pelas ruas de Luanda exibindo no cinturão orelhas das suas vítimas. O alferes ROBLES divertia-se metralhando velhos, mulheres e crianças reunidos com a promessa de uma fotografia. O alferes SILVA RIBEIRO gabava-se de violar meninas africanas de 8 anos que escolhia nas escolas primárias. O capitão FONTES é um especialista em choques elétricos e transportava sempre um gerador quando em missão, pois "no mato dizia — não há energia". O mais

sofisticado de todos é o alferes DUQUE que sepultava vivos os prisioneiros, deixando fóra apenas um braço. Depois, colocava uma lanterna em cada uma dessas mãos que apontavam para o céu, forçando os soldados a beber o suco que escorria dos dedos retorcidos, enquanto as vítimas agonizavam. A serra elétrica foi muito comum na Guiné Bissau durante interrogatórios de prisioneiros; o corte de pés e mãos era uma rotina.

4 — Nas Nações Unidas e nos arquivos de jornais e revistas europeus e americanos existe abundante material fotográfico sobre atrocidades das Forças Armadas Portuguesas, praticadas em Angola, Moçambique e na Guiné-Bissau. Há, por exemplo, fotos com longas fileiras de estacas tendo cada uma no alto a cabeça de um negro. A revista "Der Spiegel" divulgou o mais repugnante desses documentos. Na primeira foto a cabeça de um prisioneiro, seguro por dois paraquedistas, é decepada. Na segunda, o matador exhibe sorridente o seu troféu macabro.

Recordando as monstruosidades praticadas pelo colonialismo português e identificando alguns dos seus autores, a UDP considera in-



O QUE RESTOU DE WILLIAMO

Esta foto distribuída pela agência Associated Press mostra as ruínas calcinadas da aldeia de William cenário da hedionda chacina que levantou a opinião pública mundial contra o colonialismo português. Embora Caetano tenha negado inicialmente a existência do povoado, acabou mudando de tática. Os jornalistas puderam visitar o lugar onde antes existia William. Apenas encontraram vestígios carbonizados de uma povoação. Segundo o alto comando português, os habitantes haviam sido transferidos para um "aldeamento estratégico", vale dizer um campo de concentração. Mas os reporteres descobriram, entre as cinzas, objetos de uso pessoal que, na opinião da BBC, camponeses africanos jamais haveriam abandonado em caso de transferência forçada. A evidência do massacre não pôde ser ocultada.

dispensável salientar que o povo de Portugal, oprimido há 47 anos por uma ditadura fascista, não pode ser responsabilizado por tais crimes, pois tem demonstrado, com exemplar coragem e por todos os meios a seu alcance, que se opõe ao colonialismo e condena os atos de genocídio praticados pelos que desejam perpetuá-lo. A repercussão do massacre de William, em Moçambique, apenas confirma que a opinião pública mundial não está adequadamente informada sobre o dia a dia das guerras coloniais portuguesas.

PELA UNIDADE DEMOCRÁTICA PORTUGUESA:

Ruy Luis Gomes, ex-candidato à Presidência da República e prof. universitário; José Morgado, professor universitário; Miguel Urbano Rodrigues, jornalista.

A UDP distribuiu simultaneamente à imprensa xerocópias de depoimentos de sobreviventes dos massacres de Icolo e Bengo, em Angola, e da Mueda, em Moçambique.

PORTUGAL DEMOCRÁTICO

DIRETOR RESPONSÁVEL
Edison Rodrigues Chaves

REPRESENTANTES

RECIFE: Angelo Ferreira da Silva

R. do Hospício, 148, 1.º, Apto. 108

LONDRINA: Julio Duarte — Edifício Centro Comercial — Apto. 141

INGLATERRA: Portuguese And Colonial Bulletin - 10 Fentiman Road, London, S. W. 8

BELGICA: Antonio Casanova 35, rue Montenegro, 1060 — Bruxelas — Belgique

HOLANDA: TULIPA VERMELHA — Post-bus 12039 —

AMSTERDAM — BIJMERMEER

CANADÁ: Portuguese Canadian Democratic Association P. O. Box 72, WESTON-ONTARIO

VENEZUELA: Junta Patriótica Portuguesa — Apartado 8287 — Caracas

URUGUAI: Junta Patriótica Portuguesa del Uruguay Casilla de Correo n.º 2.128 — Distrito 5 Montevideo

CHECOLOSVAQUIA: João Ribeiro - Postovni Urad/Jindřichská UL, C. 14 Šbránka 646 - Praha 1

FRANÇA: Grupo de Amigos de "Portugal Democrático" - 2, Place François Villon - Escalier E — La Courvenneuve - Seine - França

REDAÇÃO:

Rua Líbero Badaró n.º 488 — 5.º andar - S/ 50 - Fone: 37-0933

Caixa Postal, 6248

São Paulo — Brasil

EXPEDIENTE:

Dias úteis: das 19 às 22 horas

Assinatura para o exterior US\$ 8,00

Composto e impresso: Sociedade Impressora Pannartz Ltda.

Rua Almeida Torres N.º 119 — Prédio IV - Aclimação - S. Paulo

ANO XVII N.º 179

Julho Agosto 1973

Os artigos assinados traduzem apenas a opinião de seus autores, sendo por conseguinte de sua exclusiva responsabilidade

IMPRENSA MUNDIAL CONDENA ATROCIDADES

CLAUDE JUVENAL
da France Presse

TETE, Moçambique, (AFP) — O bispo de Tete, monsenhor Augusto Cesar declarou, em caráter privado, ter conhecimento desde janeiro passado de um massacre de 400 pessoas realizado por tropas portuguesas, mas que lhe é "impossível" falar.

Jornalistas da Europa e África chegam pouco a pouco a Tete, depois que a imprensa britânica denunciou os fuzilamentos, torturas e morte pelo fogo que tropas portuguesas teriam aplicado a toda uma aldeia de Moçambique.

Desde janeiro, monsenhor Augusto Cesar estava enfrentando um grave problema de consciência.

Declarou saber da matança mas, ao mesmo tempo, disse que "falar-me é impossível, pois o Exército português luta pela boa causa e em geral muito disciplinado. Porém, calar-me pesa sobre minha consciência de cristão", disse o bispo.

Os militares portugueses, de sua parte, mantêm versão habitual de que os africanos que morrem nas mãos das tropas portuguesas são partidários da independência do país e estão vinculados à Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo).

Desde segunda-feira passada, quando o "Times" de Londres publicou as denúncias do sacerdote britânico Adrian Hastings, as autoridades militares portuguesas não sabiam claramente como reagir.

Porém hoje, deu-se uma mudança de atitude e os responsáveis militares ofereceram aos jornalistas facilitar-lhes a tarefa acrescentando, porém, com grandes sorrisos, que "difícilmente poderá ser encontrada alguma coisa".

A dificuldade principal para os jornalistas consiste em encontrar o lugar onde se achava a aldeia de Wiriyamu, lugar que, segundo o padre Hastings, se produziu a matança de centenas de homens, mulheres e crianças. Tal nome não figura nos mapas.

Sobrevoamos um território onde partidários da independência se acham disseminados desde 1968,

Caetano em Londres . . .

conclusão da página 4

o mesmo para aqueles que gostam tais movimentos por interesse ou temor". Kaulza não gostou que o destituissem. "Há muitas decisões das altas esferas — mentou-as quais não podemos agir e que impedem que eu prosiga o meu trabalho até o fim".

A HIPOCRISIA "LIBERALIZANTE"

Caetano despediu-se com declarações de uma hipocrisia que criou ainda mais os ingleses e inspirou comentários sarcásticos dos colonistas políticos da imprensa londrina. "Posso afirmar — disse — que jamais ordenei atos desse tipo. Não os permitia, nem suportaria. Investigações preliminares indicam que a suposta chacina de que são acusados soldados portugueses não pode ter ocorrido". Pronto. O grande estadista "liberalizante" resolveu tudo de uma vez. O massacre não ocorreu porque não poderia ter ocorrido. E para demonstrar que em sua política não há ódio, mas tão somente amor, disse adeus ao Reino Unido brindando-o com estas palavras antológicas: "O governo português adota em suas colônias a política de considerar mais importante conquistar almas do que matar gente". Um jornalista britânico sugeriu que o primeiro ministro Heath lançasse a candida-

tura de tão católico visitante ao Prêmio Nobel da Paz... depois que em 1964 a Frelimo iniciou a luta contra as autoridades coloniais portuguesas.

Difícilmente se podeira pensar que se trata de um território em estado de guerra, mas podiam ver vistas as novas aldeias criadas pelos militares portugueses com a finalidade de agrupar nelas os africanos que antes tinham suas próprias aldeias.

De vez em quando, aqui e acolá, podíamos ver algumas enigmáticas colunas de fumaça que, segundo o militar que nos acompanhava, era apenas fogueiras acesas pelos camponeses.

Mais tarde, de regresso a Tete, soubemos que os incêndios que vimos não eram apenas fogo aceso pelos camponeses. Eram bases — de partidários da independência destruídas pelas tropas portuguesas.

Havia, sem dúvida, mortos africanos perto dos incêndios que vimos, mas o comandante em chefe das Forças Armadas portuguesas, general Arriaga, encarregou-se de nos dizer que Moçambique é um país em guerra.

Os combatentes lutam encarnadamente e durante nossa chegada a Tete pudemos ver soldados feridos que esperavam o avião militar no que nós viajamos, a fim de serem transportados para Nampula ou Lourenço Marques.

A guerra contra os africanos da Frelimo custa a Portugal de 15 a 20 soldados mortos por mês, fora os feridos.

Os combatentes da independência podem estar em qualquer lugar e quando pedimos ao piloto do avião que voasse mais baixo para ver melhor, negou-se a fazê-lo dizendo que varias vezes tinham atirado contra ele de terra.

CHACINA EM MOÇAMBIQUE

editorial do Guardian

A visita do Dr. M. Caetano, primeiro ministro do mais velho e menos respeitável aliado da Grã Bretanha, nunca deveria ter sido promovida. Já que foi deveria agora ser cancelada. As terríveis denúncias publicadas ontem no Times relativas a massacres realizados pelos soldados portugueses em Moçambique, e designadamente a matança de toda a população da aldeia de Wiriyamu em Dezembro último — mais de 400 homens, mulheres e crianças, algumas de tenra idade — requerem aquela espécie de investigação imediata, completa e imparcial que um regime como o do Dr. Caetano é incapaz de realizar ou sequer de tolerar. A promessa de uma investigação a ser feita pelo governador distrital de Tete é completamente inútil, denúncias de atrocidades em Moçambique — e também em Angola — vêm sendo feitas há tantos anos que se torna absolutamente

inaceitável como investigador imparcial qualquer funcionário português em serviço nesses territórios.

Agora as autoridades portuguesas pretendem apresentar o artigo do Times, escrito pelo padre católico Adrian Hastings, como uma tentativa cuidadosamente programada para fazer fracassar a visita de Caetano. A ocasião em que são feitas as suas revelações, tiradas com certo cuidado dos relatos de missionários que serviam em Moçambique, não diminui em nada a seriedade das mesmas. Dada a natureza medieval do regime português e particularmente o seu comportamento na África, a maioria das informações procedentes de Moçambique só se consegue a partir de fragmentos que chegam através de fontes desse tipo. Muitos padres têm sofrido perseguições, exílio e prisão por se oporem à forma como a repressão às guerrilhas da FRELIMO atinge a população civil.

Quando o Dr. Caetano sucedeu a Salazar, há mais de 4 anos, houve alguma esperança de que a sociedade portuguesa pudesse aos poucos mudar. Com largos sectores do clero católico desiludidos com a política africana do regime, até mesmo com as forças de segurança da Rodésia dizendo confidencialmente que a brutalidade do comportamento do exército em Moçambique o estava afastando mais da população civil e ajudando a perder a guerra, com notícias de atrocidades circulando na África do Sul, era de se esperar que o regime desse alguma prova de sensibilidade em relação às críticas que lhe eram feitas, mostrasse alguma disposição de fazer reformas.

O massacre de Wiriyamu não é só numericamente maior e mais horrível nos seus pormenores do que o de My Lai no Vietnam. A reação das autoridades portuguesas não revela sequer a possibilidade, admitida nos Estados Unidos em relação a My Lai, de se disporem a investigar o caso. Essa é a diferença entre uma sociedade fechada e uma sociedade aberta. Se a visita do Dr. Caetano oferecesse a esperança de uma investigação honesta dessas terríveis denúncias, se a pressão dentro do seu próprio país, combinada com o que ele ouvisse do Sr. Heath, pudesse ocasionar uma mudança de comportamento em Moçambique, a visita seria tolerável. Mas no pé em que as coisas estão, o pedido de cancelamento feito pelo Sr. Wilson "na ausência de um repúdio autorizado e confirmado" das descrições feitas, merece o mais vigoroso apoio.

(In The Guardian, Londres, 11-7-73)

A TRAGEDIA AFRICANA

Newton Carlos da folha de S. Paulo

A visita a Londres do primeiro-ministro português serve para

acentuar, em meio a protestos diante da denuncia de matanças em Moçambique, responsabilidades pela interminável tragédia africana.

A Inglaterra continua tão matreira como em seus dias mais gloriosos. Recepciona formalmente o chefe do governo de Portugal, comemorando seis séculos de aliança, ao mesmo tempo em que o emprego pelos rebeldes de foguetes terra-ar ingleses muda o curso da guerra na Guiné.

O primeiro avião português caiu a 23 de março deste ano. Numa semana somavam 11, inclusive quatro caças-bombardeiros a jato Fiat G-91, entregues a Portugal como parte da engrenagem defensiva da OTAN.

O G-91, cuja fuselagem com o emblema de Lisboa é hoje familiar aos africanos da Guiné, Angola e Moçambique, são fabricados na Alemanha Ocidental com patente italiana. Estão equipados com turbinas inglesas e foguetes franceses.

Na Alemanha Ocidental, o governo social-democrata procura bloquear a venda de armas a Portugal mas os interesses em jogo são muitos e grandes.

Não se trata apenas do potencial de colônias como Angola, o quarto produtor africano de petróleo, onde desde 1962 estão consórcios alemães, norte-americanos, franceses e japoneses. Há também o comércio de armas, um dos mais ativos da atualidade. Ele joga fundamentalmente com as crises do Terceiro Mundo.

Tropas da África do Sul reforçam o sistema defensivo da Rodésia, onde 230 mil brancos em meio a quatro milhões e meio de negros enfrentam, desde dezembro de 1972, o crescimento da ação combinada das organizações nativas "Zapu" e "Zanu".

A antevisão de outro Vietnã é acentuada pelo registro de baixas sul-africanas na Rodésia e deslocamentos de tropas também para Moçambique.

A África do Sul está disposta a proteger sobretudo a província moçambique de Tete, onde é construída a maior hidrelétrica da África, a de Cabora-Bessa. Grupos japoneses e norte-americanos estão em cima das jazidas de ferro de Tete.

Para a África do Sul, onde são enormes os interesses economicos norte-americanos e ingleses, a presença de Portugal é ainda questão vital de segurança.

OS MASSACRES DE MUCUMBURA

Peter Niesewand
do "Guardian"

"Os jornalistas do exterior são peneirados pelo governo de Lisboa antes de receber vistos nos passaportes e uma vez em Moçambique a Polícia Política mantém-os de baixo de olho. Só um grupo não

governamental pode movimentar-se livremente nas áreas remotas: os missionários e os padres e é principalmente por intermédio dessas pessoas que os relatos de atrocidades vieram a público. Um padre católico, frei Luis Afonso da Costa, saiu de Moçambique o ano passado para começar uma "campanha de consciência" e alertar o mundo quanto ao tratamento dos africanos pelas tropas portuguesas. Frei Luis documentou numerosos massacres no Distrito de Mucumbura, uma área densamente arborizada, que a organização das guerrilhas utiliza como base para treinar homens e armazenar armas e munições. Um piloto da Rodésia que voou sobre Mucumbura comentou: Eles podem esconder aqui um exército inteiro". De fato, a FRELIMO e a guerrilha da Rodésia, têm o que equivale a um exército neste Distrito e os portugueses realizaram numerosas e infrutíferas tentativas para desaloja-los. Frei Afonso declara que os portugueses acreditando que os camponeses africanos ajudavam as guerrilhas, atacaram as aldeias de Kapinga e Catacha a 7 de maio de 1971. Eis as suas palavras: "Quando os missionários chegaram não encontraram ninguém. As aldeias achavam-se totalmente abandonadas: galinhas, gado, porcos, estavam perdidos. As mulheres e os filhos de 14 homens assassinados tinham fugido no dia do massacre. Habitantes de aldeias próximas disseram-nos que os homens mortos não tinham sido atingidos por tiros, mas espancados até à morte. Mostraram aos missionários alguns páus encontrados e que devem ter sido usados para matar as vítimas. Citando um informante africano que estava com as tropas, disse que este lhe declarara: "Matámos muitos homens. Eu próprio os abati e destripei com o machete". Segundo ele, outro massacre se verificou em Mucumbura, em setembro de 1971, no qual vários soldados da Rodésia participaram, tendo chegado de helicóptero e ficado cerca de uma semana. "No terceiro dia mataram tres rapazes que se encontravam na floresta caçando passarinhos. Dois deles tinham 12 anos e o outro 18".

O terceiro massacre verificou-se em outubro de 1971, quando as aldeias Dak foram o cenário de muitas torturas realizadas pelo grupo especial das tropas portuguesas: Morreram 19 pessoas, entre as quais Damião Conga, professor da Missão, espancado até à morte. "Eles forçaram a sua esposa grávida e o seu filho a observar as torturas. Ele resistiu durante duas horas e depois morreu. Dias depois sua mulher conseguiu alcançar a Missão e contou tudo aos padres". O quarto massacre foi no território de Chief Buxo.

Em particular, até os habitantes da Rodésia dizem "atrocidade" para descrever alguns acidentes com soldados portugueses. Uma fonte segura disse-me o ano passado: "Não é surpreendente que os portugueses estejam tendo tão pouco êxito em algumas áreas porque estão entrando demasiado duro nelgumas aldeias africanas. Ninguém pode esperar cooperação dos civis se cometer atrocidades.

Pequenas Noticias

* O diretor do semanário "Expresso", de Lisboa, deputado Francisco Balsemão, afirmou que "até as palavras cruzadas têm de passar pela censura", Raul Rego, da "República", esclareceu que o mesmo acontece com o horóscopo. Marcelo Caetano teme que os astros lhe sejam desfavoráveis.



agência TRIÂNGULO de seguros s. a.

SEGUROS DE VIDA EM GRUPO E COLETIVOS DE ACIDENTES PESSOAIS

RUA BRAULIO GOMES, 107 - 4.º andar - conjunto 42

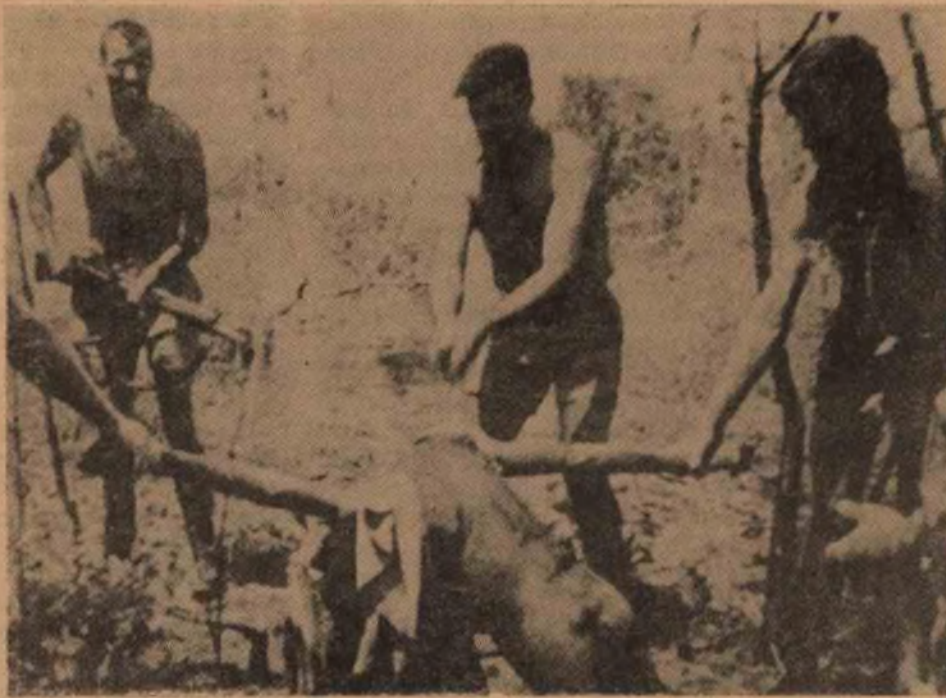
Telefones: — 32-4882 e 37-2774

SEGUROS DE INCÊNDIO SEGUROS EM GERAL

SÃO PAULO

Endereço Telegráfico: — "CAMBRONNE"

Os crimes que Caetano nega



Portugal Democrático publicou em setembro de 1970 as duas fotos que abaixo republicamos. Trata-se de um documento histórico que pulveriza todos os desmentidos hipócritas do fascismo português, confirmando as constantes denúncias dos movimentos de libertação e dos democratas portugueses sobre a prática cotidiana de crimes contra a humanidade pelas tropas colonialistas, crimes aprovados por Salazar, Marcelo Caetano et cetera. Na foto da esquerda um terceiro lhe depeça a cabeça. A direita o carrasco, com a catana nos dentes, exhibe sorridente, o trofeu macabro. É assim que o fascismo conquista almas...

Povo Inglês repudia visita

Londres (DO Correspondente)

— Na opinião geral, a visita de Marcelo Caetano à Inglaterra constituiu o mais humilhante malogro diplomático jamais sofrido por um chefe de governo estrangeiro neste país. Desde o momento da chegada até ao embarque para Lisboa, o sucessor de Salazar teve de ser protegido por um impressionante dispositivo de segurança. Sua escolta pessoal raramente foi inferior a 50 policiais e no dia da chegada, para conter as manifestações de hostilidade ao visitante foram mobilizados 400 agentes.

Nos dias que antecederam a visita, milhares de pessoas manifestaram-se nas ruas e junto à embaixada de Portugal, repudiando a presença de Caetano e a "Aliança" Luso-Britânica e condenando o colonialismo e os massacres de Moçambique. Essa atmosfera de hostilidade ampliou-se durante os três dias em que o melífluvo governante fascista permaneceu em Londres. Nunca se falou tanto de Portugal na Inglaterra, nunca o fascismo e o colonialismo portugueses foram tão veementemente condenados pelo povo britânico. Vinte e cinco organizações, das mais diversas tendências, participaram das manifestações anti-Caetano e os Partidos Trabalhista e Liberal pediram o cancelamento da visita, criticando frontalmente a política do primeiro ministro Edward Heath, de franco apoio ao fascismo e ao colonialismo portugueses.

O avião em que Caetano chegou teve de descer numa pista secundária longe da aero-gare de Heathrow. Seu desembarque foi assinalado com um desfile de 10.000 manifestantes que percorreram as ruas centrais da capital gritando "Fora Caetano". Mais de 100 policiais estabeleceram um cordão de segurança em torno do edifício da embaixada de Portugal e Caetano foi apupado sempre que entrou ou saiu. Quando o assustado governante visitou o British Museum mil manifestantes saudaram-no com gritos de "assassino" e "fascista" e uma bomba de gás estourou no pátio.

WILSON ATACA CAETANO

Na Câmara dos Comuns, a visita suscitou acalorados debates. Nas vésperas da chegada, a

direção do Partido Trabalhista apresentou uma moção do seguinte teor: "A Câmara dos Comuns exprime o seu horror ante as chacinas brutais de civis inocentes por parte das autoridades militares portuguesas de Moçambique e, na ausência de qualquer desmentido autêntico e válido da descrição de tais chacinas, apela para o primeiro ministro no sentido de informar o primeiro ministro de Portugal de que a sua visita a este país é inaceitável para o povo britânico". O Partido Liberal apresentou moção semelhante, pedindo a Câmara que exprimisse "a grave preocupação ante os relatos de chacinas perpetradas pelas tropas portuguesas em Moçambique" e apelando para que a visita de Caetano fosse imediatamente cancelada.

A moção trabalhista foi rejeitada por 299 votos contra 271 devido à maioria de que o sr. Edward Heath dispõe nos Comuns. Mas nenhuma dúvida restou de que trabalhistas e liberais souberam interpretar corretamente os sentimentos da opinião pública britânica. Reproduzimos, a seguir o relato que o "Times" publicou a respeito do debate travado na Câmara, no dia 10 de julho, pois reflete bem a atmosfera que envolveu a visita.

Apresentada por um deputado trabalhista uma proposta para que fosse convidado o primeiro ministro da Nova Zelândia para uma visita à Inglaterra a propósito da posição daquele país quanto à anunciada explosão atômica francesa e depois de o primeiro ministro inglês ter declarado que essa visita não estava nas cogitações do seu governo, o líder trabalhista Harold Wilson interveio:

H.W. — "A não ser que ele possa repudiar a notícia do Times sobre as bestialidades cometidas em Moçambique (protestos dos conservadores), não seria mais acertado cancelar a visita do primeiro ministro português e substituí-la pela do primeiro ministro da Nova Zelândia? (aplausos dos trabalhistas).

Heath — A resposta a esta pergunta é "Não", e, se houve jamais uma questão abusiva por parte de um líder da oposição, foi esta (aplausos dos conservadores e gritos dos trabalhistas).

Mac Lennan trabalhista) — Desejaria apresentar uma moção pedindo o adiamento do que se

estava discutindo para iniciar um debate de emergência à cerca dos alegados massacres em Wiriyamu, em Moçambique e a visita à Inglaterra do primeiro ministro português. Os fatos são específicos, disse ele, tal como vem no Times de hoje: no dia 16 de dezembro na parte centro-oeste de Moçambique houve um ataque armado português a uma aldeia, depois do qual as tropas sistematicamente e com ferocidade massacraram 82 africanos, homens, mulheres e crianças, alegadamente simpatizantes dos combatentes da FRELIMO. A importância deste assunto não precisa de ser demonstrada. É urgente que a Câmara dos Comuns possa debater a questão devido ao fato de que o governo convidou o primeiro ministro português a visitar-nos na próxima semana. O assunto deve ser pois debatido urgentemente à luz desta chegada iminente. Esta casa, disse ele, deve ter oportunidade de exprimir a profunda repugnância do povo britânico perante as consequências da política portuguesa na África, tornando claro que a alternativa para o povo português é allar-se à civilização da Europa e abandonar esta política (aplausos dos trabalhistas).

O Presidente da Mesa, baseando-se no art. n. 9 do Regimento, decidiu contrariamente à discussão do assunto.

Harold Wilson levantou uma questão de ordem, dizendo que não discutia a decisão do Presidente mas avisava que a oposição apresentaria uma moção apoiando a linha Mac Lennan.

Comentando a atitude de trabalhistas e liberais, o jornal "Financial Times", porta voz do mundo financeiro, escreveu: "Nenhuma visita de boa vontade de um chefe de governo pode ser considerada bem sucedida se for boicotada pelos partidos opositoristas". Essa foi uma das pilulas mais amargas para Caetano. Até o órgão da City reconheceu o malogro da sua visita. Para os ingleses, a razão estava com Harold Wilson quando declarou: "O governo português não é um governo civilizado e o Partido Trabalhista pediria sua expulsão da NATO" se governasse a Grã-Bretanha.

Todos os sindicatos britânicos boicotaram também a visita e as comemorações da Aliança. Um

dos maiores, o "Transport and General Workers Union", com 1.700.000 filiados enviou o seguinte telegrama ao primeiro ministro Heath:

"Devido às alegadas atrocidades cometidas em Moçambique pelas autoridades portuguesas e ao fato de que o regime continua a negar os mais básicos direitos sindicais encarcerando sindicalistas portugueses, o Sindicato apela para o governo de Sua Magestade a fim de imediatamente retirar o convite ao Primeiro Ministro português para visitar este país. "A decisão de enviar esta mensagem foi tomada depois de um discurso em que o secretário do Sindicato declarou que a posição de Portugal era quase idêntica à da Espanha, com a agravante que, tanto quanto ele podia lembrar, os trabalhadores em Portugal nunca tinham tido liberdade de nenhuma espécie.

CAETANO MUDA DE TÁTICA

Humilhado, ridicularizado, desorientado, Marcelo Caetano não conseguiu manter a máscara sorridente com que desembarcou. Sua intenção inicial era não tocar sequer no "problema" da chacina de Wiriyamu. Mas teve de rever seus planos. Ainda no dia 10 o ministro das Relações Exteriores, sr. Rui Patrício — um peralvilho que apenas entende de gravatas, fraques, cavalos de corrida e manejo de talheres — havia rejeitado liminarmente em Lisboa a idéia de um inquerito, alegando que a aldeia de Wiriyamu ou William não existia. Patrício foi categórico. Mas Caetano ordenou a realização do inquerito. Sua capitulação parcial foi levada mais longe. Teve de tomar uma decisão que muito lhe doeu: destituiu o general Kaulza de Arriaga, comandante supremo em Moçambique. Kaulza que em seu livro sobre estratégia faz uma apologia fanática do racismo, proclamando a inferioridade dos povos africanos, foi, inclusive, intimado por Caetano a fazer declarações para desanuviar a atmosfera. Entrevistado por um redator do "Star", de Joanesburgo, o truculento general tentou mostrar-se um pombo, quase um pacifista. "É absolutamente inverídico disse — que minhas tropas tenham cometido assassinios em massa. É inegável que durante os combates alguns civis são atin-

gidos. Mas em toda a guerra morrem inocentes. Tais atrocidades não se aplicam à minha política". Mas o elegante general de Caetano não teve sorte. Seu afastamento foi anunciado durante a visita do chefe a Londres. Pior ainda. No mesmo dia era colocado à venda em Londres seu último livro, "A resposta portuguesa". Nele faz afirmações que negam tudo o que disse ao "Star". Eis uma breve amostra:

"A única alternativa — escreve — para os simpatizantes (o grifo é nosso) de movimentos contrários a Portugal, especialmente a FRELIMO e o COREMO, são indizíveis sofrimentos e a morte,

(Conclui na pág. 3)

CANNES - FRANÇA

Por omissão involuntária deixamos de publicar em devido tempo uma contribuição de 210 F.F. enviada há meses atrás em nome dos AMIGOS DE CANNES-FRANÇA para o "PORTUGAL DEMOCRÁTICO". Fazemo-lo agora, apresentando aos companheiros de Cannes nossas desculpas e agradecimentos.

OUÇA A RADIO PORTUGAL LIVRE

Diariamente das 8 às 8.30 em 50 metros; das 20 às 20.30 e das 22.13 às 22.43 em 32 metros; e das 0.30 às 0.50 em 36,40 e 43 metros. Aos domingos das 13 às 13.30 em 19.20, 25 e 26 metros.

UMA EMISSORA A SERVIÇO DO POVO PORTUGUÊS

PORTUGAL DEMOCRÁTICO
Rua Libero Baduró, 488 — 5.º Sala 50
SAO PAULO — BRASIL
Endereços de Assinantes

PORTE PAGO - ECT - DR - SP